

Notas sobre o conceito de cuidado de si em Michel Foucault

Davi Fortes Silva²⁴

Palavras-Chave: conhece-te a ti mesmo, cuidado de si, Sócrates, Michel Foucault, A Hermenêutica do Sujeito.

Michel Foucault, no texto “Hermenêutica do Sujeito”, que corresponde a uma série de aulas ministradas em um curso no *Collège de France* entre 1981-1982, argumenta que a base das filosofias morais antigas se encontram em um conceito mais amplo que o de “conhece-te a ti mesmo” *gnôthi seautoû*, apropriado pelos ensinamentos da figura de Sócrates nos diálogos de Platão e nas Memoráveis de Xenofonte. Segundo Foucault, o termo “conhece-te a ti mesmo” em alguns textos aparece de forma subordinada, relativa ao conceito de “cuidado de si” *epimeléia heautoû*

O *gnôthi seautón* (“conhece-te a ti mesmo”) aparece, de maneira bastante clara e, mais uma vez, em alguns textos significativos, no quadro mais geral da *epimeléia heautoû* (cuidado de si mesmo), como uma das formas, uma das consequências, uma espécie de aplicação concreta, precisa e particular, da regra geral: é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo” (FOUCAULT, 2014, p.6).

Ainda segundo o autor, há durante essa inserção do conceito conhece-te a ti mesmo na filosofia uma espécie de deslocamento da sua significação original. Primordialmente, o termo advindo do templo de Delfos tinha uma conotação bem distinta, e dizia respeito ao modo como aquele que teria uma consulta com o oráculo deveria se portar, qual atitude deveria tomar como preparativo e durante a consulta

(...) examina bem em ti mesmo as questões que tens a colocar, que queres colocar; e, posto que debes reduzir ao máximo o número delas e não as colocar em demasia, cuida de ver em ti mesmo o que tens precisão de saber. (FOUCAULT, 2014, p.6).

Para Foucault, pouco a pouco a noção do cuidado de si mesmo foi perdendo espaço, principalmente durante a requalificação filosófica do termo a partir do “momento cartesiano” do conhece-te a ti mesmo.

Nesse momento cartesiano, a filosofia enquanto pensamento que busca determinar as condições e os limites do acesso do sujeito à verdade (FOUCAULT, 2014, p.15) e que procede no conhecimento do mundo tendo em vista somente a questão “como se pode ter

²⁴ Graduando em Filosofia (UFS), bolsista PIBICVOL.

acesso a verdade?”, negligencia a espiritualidade. Nos termos de Foucault, a espiritualidade direciona o que o sujeito deve se tornar para ser capaz de obter o conhecimento da verdade, conhecimento esse que ilumina o sujeito, que o transforma que traz tranquilidade e beatitude para o sujeito que se iluminou com a verdade.

A filosofia, então desassociada da espiritualidade, busca a verdade através de algumas regras que devem ser seguidas, tais como as condições formais para se ter acesso, as condições objetivas e as regras do método a serem seguidas, sem portanto preocupar-se com a iluminação, a transfiguração de si mesmo que pede a espiritualidade para que o sujeito tenha acesso a verdade.

Se por um lado, o sujeito após essa virada cartesiana pode ter acesso a verdade sem a espiritualidade, por um outro lado, não se ilumina com a verdade que se apossa, enquanto que com a espiritualidade, o sujeito encontra-se privado da verdade até que se proceda as mudanças, o conjunto de práticas tais como exercícios de silogismos, práticas do que fora aprendido, readequação de hábitos, controle racional da sensibilidade, para que então possa atingir a verdade, que o ilumina

Se definirmos a espiritualidade como o gênero de práticas que postulam que o sujeito, tal como ele é, é capaz de transfigurar e salvar o sujeito, diremos então que a idade moderna das relações entre sujeito e verdade começa no dia em que postulamos que o sujeito, tal como ele é, é capaz de verdade, mas que a verdade, tal como ela é, não é capaz de salvar o sujeito. (FOUCAULT, 2014, p.6).

Retornando um pouco, pode-se dizer, segundo Foucault, que Sócrates é por excelência a figura do cuidado de si na filosofia grega antiga, figura que com o seu inquérito ou exame *Elenchos* interpelava pessoas nas ruas de Atenas para questionar como as mesmas vinham governando as suas vidas, como elas se preocupavam consigo, e principalmente, incitá-las a cuidarem delas mesmas.

Sócrates argumentava que tinha como trabalho, designado pelos Deuses, justamente fazer com que as pessoas se preocupassem consigo mesmas nesse processo de incitação, e aqui segundo Foucault percebe-se uma diferença entre o cuidado de si e o conhece-te a ti mesmo, o cuidado de si é configurado como um princípio de agitação, que causa inquietude, tal qual o efeito da picada do inseto tãvão em um cavalo, analogia essa que se encontra na parte 30E da Apologia de Sócrates.

Sócrates nos textos atribuídos a Epicteto é quisto como uma das figuras segundo as quais devemos nos inspirar em busca da sabedoria e dos seus ganhos, como a piedade, liberdade e felicidade (EPICTETO, O Manual de Epicteto, parte XIX.4; LIII.3,4 LI.3) assim como Crisipo (EPICTETO, O Manual de Epicteto, parte XLIX), este último um dos representantes do estoicismo na grécia antiga. O estoicismo de uma maneira geral costuma tomar Sócrates como o exemplo de filósofo, e conhedidamente a escola estoica é identificada como aquela que sistematizou os ensinios socráticos

E, como veremos em uma série de textos tardios (nos estoicos, nos cínicos, em Epicteto principalmente) Sócrates é sempre, essencial e fundamentalmente, aquele que interpelava os jovens na rua e lhes dizia: “É preciso que cuideis de vós mesmos. (FOUCAULT, 2014, p. 9.).

Bibliografia

FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2014.